

## O CORPO GORDO COMO SÍMBOLO VIVO: LEITURAS ARQUETÍPICAS E CRÍTICAS CONTEMPORÂNEAS<sup>1</sup>

Clara Putini Villibor<sup>2</sup> , Carlos Augusto Serbena<sup>3</sup> Orcid:

*Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.*

**Resumo:** Este artigo propõe uma leitura simbólica e crítica do corpo gordo, articulando a Psicologia Analítica com autores contemporâneos da crítica cultural e política. A partir da prática clínica com pacientes em sofrimento relacionado ao corpo e à alimentação, busca-se compreender o corpo gordo não como falha individual, mas como expressão viva de tensões culturais, políticas e psíquicas. Adota-se uma abordagem teórico-conceitual, de caráter crítico, apoiada na análise de conceitos arquetípicos, narrativas culturais e discursos normativos. A investigação compreende o corpo gordo como símbolo arquetípico e cultural, articulando-o como sombra coletiva, potência do excesso e figura de resistência. O percurso teórico aborda a construção do corpo magro como persona neoliberal e do corpo gordo como sombra cultural; a conceituação junguiana da sombra e a crítica de Hillman (2010) ao monoteísmo psíquico; e a leitura do corpo gordo a partir da imagem dionisíaca como manifestação vital que desafia a norma. Integram-se também diálogos com Haraway (2025) e Preciado (2023) sobre corpo, contaminação e hibridização, que deslocam a corporeidade para o campo da multiplicidade e da diferença. A discussão clínica destaca a importância de uma escuta sensível, capaz de reconhecer o corpo gordo em sua ambivalência simbólica, evitando tanto sua patologização quanto sua idealização. Como contribuição, a pesquisa desloca o corpo gordo do campo da patologia para o campo do símbolo, afirmando sua potência crítica, ética e transformadora. Esse deslocamento amplia a compreensão de saúde, corpo e subjetividade, propondo uma ética de escuta e reconhecimento diante das normatividades corporais dominantes. Assim, o corpo gordo se revela não apenas como questão clínica, mas como experiência política e simbólica, convite à revisão das estruturas culturais e psíquicas que sustentam o padrão hegemônico de corporeidade.

**Palavras-chave:** obesidade, imagem corporal, controle social, estigma, saúde pública

## THE FAT BODY AS A LIVING SYMBOL: ARCHETYPAL ANALYSIS AND CONTEMPORARY CRITIQUES

**Abstract:** This article proposes a symbolic and critical analysis of the fat body, articulating Analytical Psychology with contemporary authors in cultural and political critique. Based on clinical practice with patients experiencing suffering related to the body and eating, the fat body is understood not as an individual failure but as a living expression of cultural, political, and psychic tensions. The study adopts a theoretical-conceptual approach of critical nature, in the analysis of

---

<sup>1</sup> A avaliação e a revisão dos artigos que compõem o presente dossiê da Revista PsicoFAE, intitulado “Corpo, sintoma e sentido: transtornos alimentares, obesidade e psicossomática à luz da Psicologia Analítica — 10 anos do Projeto Latos”, são de exclusiva responsabilidade do comitê de pareceristas a ele associado, sob a coordenação da Dr<sup>a</sup> Maria do Desterro de Figueiredo.

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), pós-graduada em Psicologia Analítica pelo Centro Universitário Autônomo do Brasil (UniBrasil) e pós-graduanda em Avaliação Psicológica pela FAE Centro Universitário, Curitiba. Psicóloga Clínica com foco envolvendo corpo, alimentação e sofrimento psíquico. *E-mail:* psi.claravillibor@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Doutor em Ciências Humanas (UFSC), mestre em Psicologia e Sociedade (UFSC). Realiza pesquisas, trabalhos, disciplinas, supervisão clínica em Psicologia Analítica, psicoterapia, fundamentos e interfaces com a fenomenologia. *E-mail:* caserbena@gmail.com.

archetypal concepts, cultural narratives, and normative discourses. The investigation conceives the fat body as an archetypal and cultural symbol, articulating it as collective shadow, power of excess, and figure of resistance. The theoretical path examines the construction of the thin body as neoliberal persona and the fat body as cultural shadow; Jung's notion of the shadow and Hillman's (2010) critique of psychic monotheism; and the reading of the fat body through the Dionysian image as vital manifestation that challenges the norm. Dialogues with Haraway (2025) and Preciado (2023) are also integrated, bringing perspectives on body, contamination, and hybridization that shift corporeality into the field of multiplicity and difference. The clinical discussion highlights the importance of a sensitive listening, one capable of recognizing the fat body in its symbolic ambivalence, avoiding both pathologization and idealization. As a contribution, the study displaces the fat body from the field of pathology to the field of symbol, affirming its critical, ethical, and transformative potency. This displacement expands the understanding of health, body, and subjectivity, proposing an ethics of listening and recognition in the face of dominant body normativities. Thus, the fat body emerges not only as a clinical issue but also as a political and symbolic experience, an invitation to revise the cultural and psychic structures that sustain the hegemonic standard of corporeality.

**Keywords:** obesity, body image, social control, stigma; public healthpad

## Introdução

O corpo não é apenas biológico, ele é também símbolo, história e disputa política. Essa dimensão pode ser vislumbrada em obras artísticas que ressignificam o corpo gordo para além da lógica biomédica. Na pintura *"Una Familia"* (1969), de Botero (Figura 1), a gordura aparece como presença afirmativa, dotada de estilo e potência estética. Botero encontrava a beleza na forma e no volume, e suas figuras "formosas" — bonitas e grandes — distorcem as proporções e criam uma estética única. Ele não via a gordura como crítica ou caricatura, mas como um modo de explorar a sensualidade, a vitalidade e o significado da forma na pintura. A obra serve como provocação inicial para este artigo: o corpo gordo pode ser lido como símbolo vivo, capaz de condensar imaginários, disputas e afetos ao longo da história.

**Figura 1:**

*Família formosa: Botero e a estética do excesso*



*Nota Fonte: Fernando Botero (1969). Una familia [Óleo sobre tela]. Museo Botero, Bogotá, Colômbia. Google Arts & Culture.*

A cada época, o corpo como matéria foi inscrito por marcas de valor, interditos e esperanças, servindo como campo de batalha em que se projetam os ideais e os medos enquanto comunidade. O corpo

gordo, em particular, tem ocupado uma posição ambígua: simultaneamente hipervisível — objeto de estatísticas, diagnósticos médicos, campanhas de saúde pública — e invisibilizado em sua dimensão subjetiva e simbólica, apagado como experiência complexa de existência.

Na contemporaneidade, o corpo magro e disciplinado pode ser considerado uma das modalidades da persona neoliberal: um corpo que encarna eficiência, controle e autogestão. Esse corpo magro é a vitrine da promessa de que a disciplina individual conduz ao sucesso, à saúde e à produtividade. Já o corpo gordo surge como espelho sombrio — aquilo que a cultura neoliberal capitalista moderna e ocidental predominante rejeita em si mesma. Como descreve Klein (2024), a sombra desta sociedade e deste ideal cultural se manifesta na figura de um duplo monstruoso, aquele que carrega as marcas de tudo o que o ideal não pode admitir. O corpo gordo é construído culturalmente como esse duplo que encarna o que é rejeitado ao neoliberalismo: preguiça, descontrole, fracasso. Ele é, paradoxalmente, o que precisa ser constantemente supervisionado e o que se tenta apagar.

Este artigo surge a partir da prática clínica com pacientes que vivenciam sofrimentos relacionados ao corpo e à alimentação. Na clínica em psicologia, observa-se como a normatividade corporal atravessa subjetividades, impondo violências sutis e explícitas. Evidencia-se o peso de um imaginário social que lê a gordura como falha, doença ou desvio. A partir dessa investigação, busca-se elaborar teórica e clinicamente novas imagens para compreender o corpo gordo.

A leitura do livro “Fome”, de Roxane Gay (2017) foi um ponto de inflexão nessa trajetória. Em seu relato autobiográfico, Gay descreve como seu corpo se tornou uma armadura diante do trauma da violência sexual. Engordar, nesse contexto, foi uma forma de sobrevivência e de proteção contra novos ataques. Mas essa armadura, ao mesmo tempo em que a defende, também a expõe às múltiplas violências de uma cultura que recusa corpos gordos. Essa experiência ecoa na clínica: muitas vezes, o corpo gordo aparece como sintoma de traumas, mas também como possibilidade de ser-no-mundo, como linguagem da alma que pede uma escuta simbólica.

A proposta é justamente esta escuta clínica, em diálogo com Jung (2011b) e Hillman (2010) e partindo-se do pressuposto de que o corpo é expressão da psique. O corpo gordo não deveria ser reduzido à patologia, uma vez que ele é também imagem e expressão simbólica. A pergunta que orienta esta pesquisa não é “como eliminar a gordura?”, mas: qual o significado simbólico do corpo gordo como imagem arquetípica com ressonância da cultura e da política?

Trata-se de uma investigação de cunho teórico-conceitual, sustentada por uma argumentação crítica. Isso significa que a análise se constrói no diálogo entre categorias da Psicologia Analítica e contribuições de diferentes campos da crítica cultural e política. Jung (2011a, 2011b, 2013) e Hillman (2010, 2013) oferecem os conceitos de sombra, sintoma e politeísmo da psique. López-Pedraza (2002) traz Dioniso como imagem arquetípica do excesso e da desmedida. Foucault (2008) e Dardot & Laval (2016) permitem compreender a biopolítica e o neoliberalismo como regimes de governo dos corpos. Haraway (2025) e Preciado (2023) introduzem as imagens do ciborgue, da contaminação e da disforia como chaves para pensar a resistência dos corpos não normativos. Roxane Gay (2017) e Marion Woodman (2002) contribuem com reflexões sobre a dimensão vivida do corpo como narrativa e como sintoma. A escolha desses autores justifica-se por sua capacidade de iluminar dimensões simbólicas e arquetípicas do fenômeno (Jung, Hillman, López-Pedraza, Woodman) e a crítica política (Foucault, Dardot & Laval, Haraway, Preciado, Klein). Assim, este trabalho se constitui como reflexão teórica que busca integrar clínica, cultura e política, elaborando o corpo gordo como símbolo vivo, sombra coletiva e potência de resistência.

Este artigo propõe uma reflexão sobre o corpo gordo enquanto símbolo arquetípico e cultural, percorrendo sua tensão entre sombra e potência. A análise se desenvolve a partir de três movimentos: considerando-o como sombra coletiva, aprofundando sua dimensão dionisíaca e seu caráter de potência no excesso, e explorando-o como figura ciborgue e resistência.

Para isso, foi adotado o seguinte percurso: primeiramente, explora-se como o corpo gordo é construído no imaginário contemporâneo, especialmente na lógica neoliberal. Em seguida, discute-se o conceito de sombra na Psicologia Analítica, articulando-o com as projeções sociais sobre o corpo gordo. Posteriormente, apresenta-se a imagem de Dioniso como arquétipo da potência do excesso, contrastando-a com o ideal apolíneo de disciplina. Aborda-se também o corpo gordo como figura ciborgue, à luz de Haraway (2025) e Preciado (2023), enfatizando sua dimensão híbrida e resistente. Por fim, abre-se a discussão clínica e cultural: como escutar o corpo gordo na clínica sem reduzi-lo a sintoma e como compreendê-lo na cultura como potência disruptiva.

Esta pesquisa contribui para ampliar o entendimento sobre o corpo, deslocando-o de uma leitura reducionista que associa gordura exclusivamente a doença ou falha. Ao reconhecer o corpo gordo como símbolo e imagem, abre-se espaço para repensar saúde, subjetividade e formas de existência compartilhada, desafiando normas e ampliando possibilidades de cuidado e convivência.

O corpo gordo, como imagem cultural, condensa múltiplas contradições. Ele é, ao mesmo tempo, excesso e falta; potência e fraqueza; visibilidade e apagamento. Essa ambivalência revela a própria lógica da sombra, conceito central da Psicologia Analítica. A sombra é composta por tudo aquilo que a consciência recusa reconhecer em si mesma; ela carrega tanto conteúdos reprimidos como energias criativas (Jung, 2011a). Em nível coletivo, a sombra é projetada sobre determinados grupos ou corpos, que passam a encarnar, para a sociedade, aquilo que ela não admite em si (Singer & Kimbles, 2004). Assim, o corpo gordo se torna depositário das fantasias de descontrole, preguiça, passividade e irracionalidade que a cultura neoliberal não tolera em sua imagem de si mesma.

O ideal de corpo vigente aceito pela cultura não é estático, mas atravessa transformações históricas e culturais, refletindo mudanças nos valores, nas normas sociais e nos regimes de poder. Sant’Anna (2016) mostra que, no Brasil, os significados sociais da gordura oscilaram ao longo da história. Já

foi sinal de fartura, prosperidade e até mesmo saúde em determinados períodos. No entanto, a partir do século XX, a gordura corporal passou a ser lida predominantemente como sinal de risco, falha moral e doença. Esse deslocamento histórico coincide com a consolidação de um paradigma biomédico e higienista que, como demonstrou Foucault (2008), articula-se com dispositivos de biopolítica: a gestão da vida por meio de estatísticas, normatizações e políticas de saúde pública.

Nesse contexto, o corpo gordo é duplamente reprimido: por um lado, é medicalizado e enquadrado em métricas — como o Índice de Massa Corporal, criado em 1835 e incorporado à saúde pública em escala global a partir da metade do século XX (Nuttall, 2015). Por outro lado, é moralizado, tornando-se alvo de estigmas e preconceitos. A gordura não é apenas medida, mas narrada como falha de caráter, irresponsabilidade ou ignorância. Esse entrelaçamento entre medicina e moralidade faz com que a gordura funcione como marcador de fronteira entre o “cidadão saudável” e o “desviante”.

Na lógica neoliberal, essa fronteira é ainda mais marcada. Como analisam Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo promove a ideia de que cada indivíduo é uma empresa de si mesmo, responsável por gerir seu corpo, sua saúde e seu desempenho de modo eficiente e eficaz. A saúde se torna um capital a ser administrado, e a gordura se transforma no índice da má gestão de si. O corpo gordo, nesse modelo, é interpretado como fracasso econômico e moral — uma expressão do que poderia ser chamado, simbolicamente, de “investimento ruim” da alma no próprio corpo. Essa leitura reduz o corpo a um projeto utilitário e normativo, ignorando sua dimensão simbólica e transformadora, e reforça uma visão moralizante em que o estado corporal seria reflexo direto de escolhas e valores individuais.

Entretanto, é precisamente nesse ponto que se abre a possibilidade de uma outra abordagem. A Psicologia Analítica, especialmente em sua leitura arquetípica proposta por Hillman (2010, 2013), convida-nos a não reduzir sintomas ou imagens a desvios, mas a escutá-los como linguagem da alma e a não literalizar as imagens. Hillman alerta para o risco de interpretar símbolos apenas em seu

valor factual ou causal, esquecendo sua dimensão poética e imaginativa. Literalizar imagens é confiná-las a uma leitura unilateral, perdendo a riqueza plural de sentidos que carregam. O sintoma carrega sentido, e sua escuta pode revelar tanto fragilidade como potência. Nesse sentido, o corpo gordo, lido desta forma, não é apenas a sombra coletiva da normatividade magra, mas também uma imagem viva de excessos, de contradições e de resistências que pedem elaboração simbólica — um convite a abrir espaço para múltiplas interpretações, ao invés de fixá-lo em um único significado redutor.

É nesse ponto que Dioniso entra como figura central. López-Pedraza (2002), descreve como o arquétipo dionisíaco foi sistematicamente banido da cultura ocidental, dominada pelo paradigma apolíneo da ordem, da disciplina e da medida. Entretanto, Dioniso não desaparece: retorna pela via do sintoma, do excesso e do descontrole. O corpo gordo pode ser compreendido como uma manifestação dionisíaca na cultura neoliberal, pois lembra que a vida transcende métricas, que o excesso integra a existência e que a vitalidade também se expressa naquilo que não se ajusta à norma.

Ao mesmo tempo, autores contemporâneos como Haraway (2025) e Preciado (2023) oferecem chaves para pensar o corpo gordo não apenas como excesso, mas como figura híbrida e resistente. Haraway, afirma que não há corpos puros: todos estamos sempre contaminados, misturados, atravessados por discursos, tecnologias e forças. O ciborgue é a imagem que rompe com a fantasia de uma essência original, revelando que todo corpo é, por natureza, híbrido. Preciado (2023) ecoa essa perspectiva ao afirmar que vivemos em um mundo constituído pela disforia e pela ausência de centro normativo. Nesse mundo, a tentativa de impor um padrão único de corpo saudável e belo é, na verdade, uma forma de violência simbólica.

Essa crítica converge com a Psicologia Arquetípica de Hillman (2010), que recusa um único Self, um centro monoteísta, e defende uma pluralidade de centros. Assim como a psique é plural, os corpos também o são. A insistência em um único modelo de beleza ou saúde cria não apenas exclusões, mas também adoecimentos. Nessa perspectiva, o

corpo gordo funciona como lembrança e denúncia, mostrando que a vida não se resume ao padrão magro, que existem múltiplas formas de ser corpo e que a tentativa de uniformizar atua produzindo sombra e sintoma.

Por fim, esta pesquisa também se ancora em um compromisso ético e político. Reconhecer o corpo gordo como símbolo é um gesto que desnaturaliza as narrativas que o reduzem a falha. É também uma forma de criar espaço para subjetividades que se constituem em tensão com as normas. Como ressalta Woodman (2002), o corpo feminino historicamente carregou os pesos das idealizações e das repressões culturais; o corpo gordo, em sua visibilidade, prolonga esse processo. No entanto, ele também pode ser lugar de potência, de novas narrativas e de resistência.

Dessa forma, este artigo busca construir uma leitura simbólica, arquetípica e política do corpo gordo, articulando clínica, teoria e cultura. A investigação desenvolve-se em cunho teórico-conceitual, sustentada por uma argumentação crítica, apoiada no diálogo entre a Psicologia Analítica e a crítica cultural e política contemporânea. Busca-se integrar experiências coletivas e imagens arquetípicas, elaborando o corpo gordo como símbolo vivo, sombra coletiva e potência de resistência.

## **1. O corpo gordo no imaginário contemporâneo**

O imaginário contemporâneo em torno do corpo é atravessado por forças econômicas, políticas e culturais que ultrapassam a esfera biológica. O corpo magro ocupa o lugar de persona neoliberal, enquanto o corpo gordo é projetado como sombra cultural, carregando os traços daquilo que a sociedade rejeita em si mesma.

Na lógica neoliberal, descrita por Dardot e Laval (2016), o sujeito é concebido como uma empresa de si mesmo, responsável por gerir sua saúde, sua produtividade e sua aparência, um projeto contínuo de autogerenciamento que transforma a vida em investimento. Nesse modelo, o corpo deixa de ser apenas matéria viva e passa a constituir capital humano, exigindo disciplina, eficiência e otimização constantes. O corpo assume um papel simbólico e

ético, tornando-se marcador de mérito individual e prova de autocontrole. O corpo magro, nesse cenário, encarna a promessa dessa racionalidade: ele simboliza conformidade estética, autocontrole, determinação e capacidade de autogestão. Por contraste, o corpo gordo emerge como figura que escapa a essa promessa, tornando-se alvo de estigma e de regimes de correção. Sua existência revela a tensão entre normatividade e diferença, mostrando que o controle neoliberal do corpo depende de um modelo único, e que corpos que fogem desse padrão questionam essa lógica. Nesse sentido, o corpo gordo não é apenas resistência; constitui um território simbólico onde se joga a disputa entre controle, excesso e multiplicidade.

Essa associação não é casual. Como mostrou Foucault (2008), as sociedades modernas desenvolveram dispositivos de biopolítica que operam por meio da regulação dos corpos, produzindo estatísticas, normas e padrões de saúde. No neoliberalismo, esses dispositivos se intensificam, convertendo a saúde em um projeto individual e responsabilizando cada sujeito por adequar-se às métricas de normalidade. O corpo magro se torna, assim, a vitrine do sucesso dessa disciplina biopolítica.

Se o corpo magro é a persona neoliberal, o corpo gordo funciona como sombra coletiva. Ele encarna as qualidades que a cultura recusa, tais como preguiça, falta de disciplina e descontrole, funcionando como imagem projetada de tudo aquilo que não pode ser assimilado pela normatividade dominante. Klein (2024) descreve como a sociedade constrói duplos monstruosos para abrigar essas projeções, deslocando para fora da consciência aquilo que provoca inquietação ou ameaça ao sistema de valores vigente. O corpo gordo assume esse papel simbólico: não apenas um corpo diferente em sua aparência, mas um receptáculo de significados rejeitados, carregando a tensão entre o individual e o coletivo. Essa função de sombra revela como o ideal magro não é neutro, mas sustentado por exclusões e repressões, criando um corpo ideal através da própria negação do corpo gordo. Assim, o corpo gordo não se apresenta apenas como diferença física, mas como imagem viva de tudo

aquilo que a cultura procura ocultar — um espelho crítico que denuncia os mecanismos de controle e os limites da promessa neoliberal de perfeição corporal. Essa dimensão simbólica transforma o corpo gordo em potência de resistência, apontando para a necessidade de reimaginar as relações entre corpo, cultura e subjetividade.

Essa dinâmica pode ser observada tanto em práticas sociais quanto em discursos cotidianos. A gordura é tratada como falha moral, mesmo quando a ciência aponta para a complexidade multifatorial do peso corporal. Campanhas de saúde pública, programas de emagrecimento e representações midiáticas reforçam essa narrativa: o gordo é aquele que “não se controla”, que “não se esforça”, que “não cuida de si”. O estigma recai não apenas sobre o corpo, mas sobre a identidade da pessoa.

Paradoxalmente, o corpo gordo é simultaneamente hiperexposto e invisível. Ele é vigiado, medido, acompanhado por estatísticas; mas sua subjetividade, sua singularidade, permanece apagada.

Roxane Gay (2017), em “Fome: Uma autobiografia do (meu) corpo”, relata como seu corpo gordo se tornou uma armadura diante do trauma, mas também uma prisão diante do olhar social. Sua experiência revela como o corpo gordo é lido como objeto a ser corrigido e não como linguagem da alma.

Esse paradoxo da supervisão e da invisibilidade ecoa no contexto brasileiro. Sant’Anna (2016) mostra que, historicamente, o peso corporal no Brasil foi carregado de significados sociais. Se em determinados momentos a gordura era associada à fartura e ao prestígio, a partir do século XX, ela passou a ser considerada um problema de saúde e um marcador de falha. O corpo gordo se transformou em objeto de políticas públicas de controle, ao mesmo tempo em que desapareceu como possibilidade positiva de existência.

A Psicologia Analítica nos oferece uma chave para compreender essa ambivalência. O corpo gordo, enquanto sombra coletiva, pode ser lido como sintoma da cultura. Ele manifesta aquilo que o discurso neoliberal não suporta admitir: que o controle total é impossível, que a vida excede métricas, que o corpo é atravessado por forças

inconscientes e históricas. Como sugere Hillman (2010), o sintoma é linguagem da alma. O corpo gordo, nesse sentido, fala algo sobre a coletividade: denuncia as violências das réguas normativas e revela a potência do excesso.

## 2. A sombra como conceito na Psicologia Analítica

Na Psicologia Analítica, a persona e a sombra são conceitos fundamentais. A sombra representa tudo aquilo que a consciência não admite como parte de si: impulsos, desejos, fragilidades e potências que permanecem na obscuridade. A persona, por sua vez, é a máscara social que o indivíduo apresenta ao mundo, mediando a relação entre o eu e a sociedade, funcionando como uma imagem adaptativa construída para atender às expectativas externas (Jung, 2011b).

A sombra não é apenas negativa ou patológica; ela contém, ao mesmo tempo, aspectos criativos, vitais e necessários. A dificuldade está em que, ao não ser reconhecida, a sombra é projetada no mundo — em indivíduos, grupos ou corpos. De modo complementar, a persona representa a face social construída para adaptação, funcionando como máscara que oculta partes do eu; sua função é necessária para a convivência, mas também pode levar à alienação quando se torna rígida, impedindo o encontro autêntico com a sombra e com a singularidade da psique (Jung, 2011b).

Em nível coletivo, o mecanismo de projeção da sombra se intensifica. Como descreveu Neumann (2021), cada sociedade cria seus próprios “bodes expiatórios”, sobre os quais deposita os conteúdos que recusa em si mesma. No imaginário neoliberal, essa função recai com frequência sobre o corpo gordo: ele é a superfície na qual são projetadas as fantasias de descontrole, preguiça e ineficiência que a sociedade, em sua busca pela disciplina e pelo lucro, não pode tolerar como suas.

Esse processo fica evidente na maneira como discursos sociais constroem a imagem do corpo gordo. Ele não é lido apenas como estado físico, mas como metáfora moral. A gordura passa a significar falta de força de vontade, descuido ou incapacidade de autogestão. Essas projeções revelam mais sobre

os ideais da cultura do que sobre os indivíduos que carregam esses corpos.

A sombra coletiva opera, portanto, como dispositivo de controle. Ao projetar no corpo gordo os ideais sombrios — preguiça, falha, descontrole — a cultura neoliberal reforça sua própria persona: a imagem do corpo magro, eficiente e produtivo. Assim, cria-se um dualismo rígido: de um lado, o corpo magro como virtude; de outro, o corpo gordo como vício.

Hillman (2010) propõe uma radicalização do conceito de sombra, deslocando-o da mera dimensão de conteúdos reprimidos para a revelação da pluralidade fundamental da alma. Para ele, a psique não é monoteísta; ela é habitada por múltiplos deuses, imagens e arquétipos que coexistem em tensão e diversidade constante. Essa multiplicidade constitui a própria essência da vida psíquica, uma dimensão multifacetada que se opõe à busca de unidade e centralidade. A tentativa de reduzir a existência psíquica a um único centro — um Self unificado, puro e equilibrado — não é apenas limitada, mas constitui uma fantasia monoteísta. Tal redução produz sombra na medida em que nega a pluralidade da riqueza da alma, criando exclusões internas que repercutem no campo coletivo. Nesse sentido, a sombra não é apenas o lado reprimido ou oculto do indivíduo, mas um sinal daquilo que a cultura e a psique excluem para sustentar uma ordem dominante.

O desafio não está apenas em reconhecer o corpo gordo como símbolo, mas em mantê-lo aberto à multiplicidade de sentidos. A advertência de Hillman (2013) sobre o risco da literalização é central aqui: quando as imagens se tornam diagnósticos rígidos, perdem sua força criativa e reduzem a experiência a categorias normativas.

Quando a cultura impõe um único ideal de corpo — magro, jovem, saudável —, inevitavelmente cria sua sombra: corpos que não se ajustam a esse modelo e que passam a ser tratados como falha ou desvio. A busca por um corpo único e idealizado é, assim, uma forma de monoteísmo corporal, uma neurose cultural que nega a multiplicidade de formas possíveis de existência.

Contra essa fixação em um único ideal, a ideia de Hillman (2010) nos convida a pensar em um

politeísmo dos corpos. Assim como a alma circula por múltiplos centros arquetípicos, a vida somática também se manifesta em formas diversas — magras, gordas, fortes, frágeis, jovens, idosas. Não há um único corpo verdadeiro ou puro; há uma pluralidade de corpos que expressam diferentes aspectos da psique.

O corpo gordo, nesse contexto, é uma expressão válida da vida psíquica, não uma falha a ser corrigida. Ele revela, de forma radical, a impossibilidade de reduzir a existência a métricas e padrões fixos. E justamente por ser relegado à sombra, ele se torna potência: lembra à cultura que sua fixação em um ideal único é ilusória, e que a vida é, por essência, múltipla e contraditória.

Na clínica, isso significa escutar o corpo gordo não como patologia, mas como símbolo. O analista precisa estar atento para não reproduzir, no *setting*, as projeções sociais que reduzem o corpo gordo a um problema a ser eliminado. A tarefa é sustentar a tensão dos opostos: reconhecer tanto o sofrimento que emerge dessa condição quanto a potência simbólica que ela carrega.

Na cultura, significa desafiar as narrativas monoteístas que impõem um único modelo de corpo saudável. O politeísmo dos corpos é, ao mesmo tempo, um gesto clínico e político: recusar a redução da vida à norma, abrir espaço para multiplicidade, legitimar existências que escapam à régua neoliberal.

### **3. Dioniso: excesso, desmedida e fertilidade**

Na mitologia grega, Dioniso é o deus do vinho, da festa, da fertilidade e da desmedida. Sua presença rompe fronteiras, dissolve formas rígidas e traz consigo tanto êxtase quanto desordem (Brandão, 2015; Kerényi, 2002). Diferentemente de Apolo, deus da ordem, da razão e da medida, Dioniso encarna a irrupção do caótico, do vital, do que não pode ser contido em padrões fixos. Brandão descreve Apolo como figura que simboliza clareza, harmonia e controle, enquanto Dioniso expressa a potência do excesso e da transformação. Kerényi complementa essa visão ao afirmar que Dioniso representa a energia irracional e orgânica que sustenta a vida em sua multiplicidade, contrastando com o princípio apolíneo da ordem.

Do ponto de vista arquetípico, Dioniso representa a energia da vida que insiste em ultrapassar limites. Ele não é apenas o deus da embriaguez, mas também da transformação: o vinho, que nasce da fermentação, é imagem daquilo que se transforma pela putrefação, pelo excesso e pelo contato com o que é considerado impuro.

López-Pedraza (2002) descreve como o arquetipo dionisíaco foi sistematicamente banido da cultura ocidental, marcada pelo paradigma apolíneo da ordem, da racionalidade e da disciplina. Dioniso foi relegado às margens, admitido apenas em contextos controlados (festas, rituais, carnavais) e sempre sob suspeita. No entanto, ele retorna inevitavelmente pela via do sintoma, manifestando-se como uma ruptura silenciosa que expõe o limite das normas vigentes. Esse retorno não se dá apenas como transgressão isolada, mas como um reaparecimento persistente de forças que a cultura procura negar: o corpo que escapa ao controle, o excesso que desafia a medida, a emoção que resiste à dominação racional. O sintoma dionisíaco é, assim, uma forma de linguagem da alma — uma recusa silenciosa da domesticação e uma convocação à reintegração daquilo que foi excluído. Ele surge em múltiplas formas: como crise, excesso, desordem, sempre lembrando que a vida contém dimensões que não cabem em regras fixas e que exigem reconhecimento. O autor ressalta ainda que, quando não integrado, esse retorno pode levar à desordem total e à perda de sentido — aquilo que comumente se chama de loucura. Porém, se acolhido e elaborado, o sintoma dionisíaco abre espaço para transformação, cura e para a ampliação da experiência vital.

O corpo gordo pode ser lido justamente como esse retorno dionisíaco. Em uma sociedade que valoriza a magreza, o controle e a disciplina — marcas do apolíneo —, o corpo gordo surge como interrupção, como excesso, como desmedida, como vitalidade que escapa às régua e classificações. Ele desafia a ordem normativa que busca reduzir o corpo a um padrão único e mensurável, trazendo à tona uma experiência corporal que não se submete à lógica da eficiência e da produtividade. Nesse sentido, encarna a potência de Dioniso: aquilo que rompe com a norma, que denuncia o artifício

das métricas e que recoloca em questão o regime de verdade que sustenta o corpo como objeto de controle. É presença simbólica de um outro modo de existir, uma manifestação viva do corpo como evento, como fluxo e transformação contínua. O corpo gordo constitui uma imagem crítica, lembrança viva de que a vida não pode ser reduzida a medidas, e denúncia da tentativa cultural de domesticar aquilo que é essencialmente imprevisível e plural.

O tandem Apolo e Dioniso representa uma polaridade simbólica: Apolo encarna ordem, forma e clareza, enquanto Dioniso representa desordem, corpo e a escuridão fecunda. A relação entre ambos é dinâmica e necessária, pois a psique adoece quando qualquer um dos polos é excluído.

No imaginário neoliberal, Apolo reina soberano. A disciplina do corpo magro, a clareza das métricas biomédicas e a luz da transparência estatística constituem suas expressões. Contudo, Dioniso, excluído, retorna como sintoma: no descontrole alimentar, na presença persistente da gordura, no corpo que resiste a se enquadrar.

O corpo gordo, nesse sentido, rompe com a estigmatização do excesso para se tornar expressão viva do dionisíaco. Ele recorda à cultura que a vida não se reduz à ordem, mas inclui também o transbordamento, a criatividade e a transformação.

Hillman (2010) nos convida a compreender o sintoma como expressão da alma, uma forma pela qual a psique se comunica. O corpo gordo, visto a partir de Dioniso, é sintoma vivo da psique. Ele denuncia o artificialismo das régua ou padrões externos tais como o IMC e padrões de beleza da indústria da moda, expõe a violência da normatividade e encarna uma possível vitalidade determinada em se manifestar.

Esse olhar transforma a clínica. Em vez de tentar eliminar ou diminuir a gordura a qualquer custo, a escuta analítica pode perguntar: o que Dioniso está tentando dizer por meio desse corpo? O que esse excesso, se for mesmo psicologicamente um excesso, simboliza? Que vitalidade está sendo expressa naquilo que a cultura lê como falha? Essa postura implica deslocar a atenção da literalidade do corpo para o corpo enquanto imagem carregada de simbolismo, reconhecendo-o como linguagem

ou metáfora viva da psique. É um convite a escutar não apenas as queixas e sintomas, mas também a potência escondida naquilo que resiste à normatividade, transformando a clínica em espaço de imaginação simbólica.

O conceito de excesso só existe porque há uma régua que quantifica. Se não houvesse padrão fixo de corpo saudável, a gordura não seria excesso, mas apenas uma forma possível de corpo. Essa régua — seja ela médica, estética ou cultural — define o que é normal e o que é desvio, criando fronteiras arbitrárias para o corpo. O corpo gordo, ao encarnar esse excesso, expõe a relatividade da régua e torna visível a construção histórica e política desses padrões. Ele revela que o que se apresenta como natural é, na verdade, resultado de escolhas, normas e práticas de exclusão.

Assim como Dioniso traz a fertilidade que nasce do caos, o corpo gordo pode ser lido como potência transformadora, obrigando a cultura a confrontar sua própria rigidez, a reconhecer que a vida não cabe em métricas e que a saúde não se reduz à magreza. Ele é, portanto, símbolo da possibilidade de transformação, de abertura para novas formas de imaginar o corpo e a existência.

O corpo gordo, quando lido apenas a partir do imaginário normativo, aparece como estigma, representando peso a ser eliminado e falha a ser corrigida. No entanto, quando lido simbolicamente, ele revela sua potência criativa. A potência não está em negar o sofrimento real que muitas pessoas experimentam ao viver em corpos gordos, mas em reconhecer que, justamente nesse lugar marginalizado, emerge uma possibilidade crítica e transformadora.

Como relata Gay (2017), viver em um corpo gordo é habitar uma armadura. Essa armadura protege, mas também marca como espaço de resistência e vulnerabilidade, de dor e de potência. Essa dinâmica remete à tensão apolínea e dionisíaca: Apolo encarna a ordem e a disciplina que a armadura busca manter, enquanto Dioniso representa a potência e o excesso que essa mesma armadura pode revelar. A leitura simbólica permite sustentar essa ambivalência, sem reduzir o corpo gordo à patologia, nem romantizar o mesmo como pura

força. Ele sustenta a tensão entre dor e potência, sombra e possibilidade.

A ideia de um politeísmo dos corpos — inspirada na psicologia arquetípica de Hillman (2010) — oferece uma imagem fecunda para pensar essa potência. Se a psique é múltipla, habitada por diferentes deuses e imagens, também os corpos são múltiplos. Não há um único corpo verdadeiro ou saudável; há uma pluralidade de formas que expressam diferentes aspectos da alma. Essa pluralidade ecoa o diálogo apolíneo-dionisíaco: enquanto Apolo busca uniformidade, Dioniso abre espaço para a diferença e o transbordamento.

Nesse sentido, o corpo gordo é também uma potência porque lembra à cultura que a vida não pode ser reduzida a um único modelo. Ele denuncia a fantasia monoteísta de que existe um corpo perfeito e puro, e convida à aceitação da diversidade. O corpo gordo é, assim, também um símbolo e imagem concreta e vivida da necessidade de pluralidade, encarnação da própria ideia de que não há centro único, mas múltiplos centros em tensão.

A potência simbólica do corpo gordo se traduz também em potência ética e política. Ética, porque desafia a clínica a se posicionar de modo não reducionista: não patologizar o corpo gordo, mas escutá-lo em sua potência e linguagem própria; não impor um ideal normativo, mas abrir espaço para o que esse corpo simboliza. Política, porque a existência de corpos gordos já é uma forma de resistência a um sistema que insiste em apagá-los. Essa resistência pode ser lida como movimento dionisíaco diante da ordem apolínea vigente.

Na lógica neoliberal, cada sujeito deve ser empresa de si mesmo, autogerindo-se de modo eficiente (Dardot & Laval, 2016). O corpo gordo, ao escapar dessa lógica, encarna uma espécie de recusa: ele mostra que nem tudo pode ser controlado, que nem todos os corpos cabem no modelo da lógica empresarial. Ele é, nesse contexto, potência disruptiva. Essa recusa remete ao *ethos* dionisíaco de transgressão frente à ordem apolínea da normatividade.

Se o corpo gordo é potência, é porque encarna também a vitalidade dionisíaca. Ele rompe com a rigidez apolínea das métricas, trazendo de

volta a dimensão do excesso, da celebração, da fertilidade. López-Pedraza (2002) sugere que Dioniso retorna sempre pela via do sintoma. O corpo gordo é um desses retornos: ele traz de volta à cultura a lembrança de que a vida também se faz no excesso, de que a fertilidade nasce daquilo que transborda.

Essa potência dionisíaca é transformadora. Ela permite imaginar a saúde não como estado fixo de equilíbrio, mas como capacidade de sustentar tensões, integrar contradições, acolher múltiplas formas de vida. Essa integração é, em essência, a harmonização apolínea-dionisíaca: reconhecer ordem e medida sem apagar o caos e o excesso que alimentam a existência.

Por fim, a potência do corpo gordo é também potência de imaginação. Ele nos obriga a criar novas imagens de corpo, de saúde, de subjetividade. Como pontua Woodman (2002), a psique se transforma pela imaginação do corpo. O corpo gordo, ao desafiar os modelos existentes, abre espaço para novas narrativas, novos símbolos e novas possibilidades de existência. Nesse gesto criativo, podemos perceber um movimento dionisíaco que desafia o apolíneo e abre caminho para a pluralidade simbólica.

#### **4. Corpo, Norma e Disforia: Perspectivas Contemporâneas**

O corpo é atravessado por normas sociais, políticas e epistemológicas que definem o que é aceitável, saudável ou desejável. Essas normas não se sustentam apenas por argumentos biomédicos, mas operam como dispositivos culturais e políticos que produzem saberes e práticas reguladoras. Nesse sentido, a corporeidade não pode ser entendida como um dado natural: ela é construída, regulada e contestada em diferentes campos do saber e da experiência.

O corpo gordo emerge nesse debate como um lugar privilegiado para pensar estas tensões. Sua existência desafia categorias normativas e expõe a arbitrariedade dos padrões vigentes. Ele questiona a ideia de um corpo neutro ou ideal, revelando que qualquer definição de saúde ou normalidade é construída e sustentada por também por regimes de poder. Mais do que condição física, o corpo gordo se

torna uma síntese de disputas políticas e éticas sobre corpo, diferença e norma.

Nesse sentido, Haraway (2025) traz uma crítica contemporânea, destacando que não existem corpos puros: todo corpo é híbrido, atravessado por múltiplas forças e contaminações — biológicas, culturais, tecnológicas e simbólicas. Essa perspectiva desloca a discussão do corpo para o campo da complexidade e da interdependência, questionando qualquer tentativa de fixar um padrão único e absoluto de corporeidade. A tentativa de impor um padrão único de corpo saudável — magro, ágil, eficiente — é uma ficção construída sobre uma lógica normativa e disciplinar. A régua do IMC, nesse sentido, funciona como dispositivo de purificação: ela organiza, mede e categoriza, buscando separar o saudável do doente, o normal do desviado. Contudo, essa separação é artificial, pois ignora a pluralidade ontológica dos corpos e a historicidade dos critérios de saúde.

A metáfora do ciborgue, proposta por Haraway (2025), oferece um quadro conceitual potente e uma imagem simbólica para pensar a corporeidade contemporânea como um espaço híbrido, atravessado por múltiplas forças — biológicas, tecnológicas, simbólicas e políticas. O ciborgue rompe a oposição rígida entre natural e artificial, corpo e máquina, humano e tecnológico, deslocando a discussão para um campo de contaminação e interdependência.

Essa imagem é particularmente relevante para a discussão sobre corpo e norma, pois coloca em questão a ideia de um corpo “puro” ou autossuficiente. Assim como o corpo gordo desafia padrões fixos de normalidade e saúde, o ciborgue inaugura uma visão da corporeidade como um espaço fluido, de fronteiras móveis, capaz de incorporar múltiplas formas de existência. Ambos — corpo gordo e ciborgue — situam-se fora das categorias normativas tradicionais, subvertendo binarismos e abrindo espaço para modos alternativos de ser.

No contexto da normatividade corporal, o ciborgue funciona como imagem crítica: revela que padrões universais não são naturais, mas construções culturais e tecnológicas que operam como dispositivos de controle. A normatização

do corpo pressupõe delimitações, medições e classificações — mecanismos que Haraway (2025) associa à lógica disciplinar e biopolítica. O corpo gordo, nesse sentido, encarna a resistência a essas delimitações, assim como o ciborgue simboliza a dissolução das fronteiras fixas.

Essa articulação amplia a compreensão ética e política da clínica. Se o corpo não é uma entidade delimitada, mas um campo de experimentação e intersecção, o cuidado clínico precisa abrir-se para a escuta das multiplicidades corporais. O corpo gordo, como corpo-ciborgue, torna-se então uma figura de potência disruptiva: não se trata apenas de desafiar uma norma estética ou biomédica, mas de afirmar a corporeidade como campo aberto de criação, diferença e transformação.

Assim, pensar o corpo gordo a partir da imagem do ciborgue implica deslocar a clínica e a política: de um foco na conformidade a um padrão único, para uma ética da pluralidade, da hibridização e da coexistência.

No mesmo caminho, Preciado (2023) reforça essa crítica ao mostrar que vivemos em um mundo constitutivamente disforme, onde não há centro normativo. Para ele, a norma corporal não é uma descoberta natural, mas uma construção política e cultural que opera como dispositivo de controle. A tentativa de impor padrões universais de corpo é, assim, uma forma de violência simbólica e material, pois uniformiza experiências e reduz a diversidade da existência a um parâmetro hegemônico. Nesse sentido, o corpo gordo adquire dimensão política na medida que sua presença desafia a ilusão de um corpo neutro ou perfeito e expõe o caráter arbitrário das métricas e dos ideais. Ele encarna a disforia do mundo, trazendo à tona a fragilidade dos sistemas normativos e a impossibilidade de estabelecer um padrão absoluto. Sua existência denuncia a relatividade das régua, a impossibilidade de pureza e a inevitabilidade da diferença.

Essa lição aponta para uma mudança profunda na maneira como se compreende o corpo e a saúde. O conceito de um padrão fixo — seja ele estético, biomédico ou moral — revela-se uma construção normativa que, ao se apresentar como absoluto, oculta a pluralidade ontológica dos corpos.

A partir dessa perspectiva, qualquer tentativa de estabilizar um modelo único de corporeidade constitui uma forma de violência simbólica, pois impõe critérios que excluem e marginalizam experiências e formas de existência que não se ajustam à norma dominante.

A abordagem proposta por Preciado (2023) e Haraway (2025) desafia essa fixação, afirmando que não existe uma “pedra filosofal” corporal ou um centro último a ser atingido. O corpo deve ser pensado como campo aberto, atravessado por transformações e contingências, sempre situado numa relação dinâmica com contextos sociais, políticos e tecnológicos. Isso implica reconhecer que a saúde não pode ser reduzida a medidas quantitativas ou a um ideal estático, mas deve ser entendida como um processo de adaptação, negociação e coexistência entre múltiplas formas de vida.

A fixação em polaridades rígidas — por exemplo, corpo gordo como patologia e corpo magro como modelo de saúde — implica um apagamento de possibilidades. Essa dicotomia não apenas restringe a diversidade corporal, como reforça mecanismos de controle e exclusão. Ao problematizar essas polaridades, abre-se espaço para uma compreensão mais ampla: a saúde emerge como capacidade de lidar com tensões, integrar diferenças e acolher o indizível que habita o corpo.

Essa perspectiva também implica uma mudança ética. A saúde deixa de ser definida pela conformidade a um padrão externo e passa a ser avaliada pela capacidade do corpo e da sociedade de sustentar multiplicidades. Tal visão desloca o foco da normatividade para a abertura, valorizando processos contínuos de experimentação, transformação e coexistência.

Por fim, essa abordagem transforma a própria ideia de cuidado. Cuidar não é ajustar o corpo a uma régua pré-determinada, mas reconhecer a singularidade de cada corpo como expressão de mundos diversos. Isso implica reconhecer que não existe um ponto final, mas um fluxo permanente de transformação. A condição humana, nesse sentido, é inerentemente disforme: a ordem é sempre provisória, e o equilíbrio, uma experiência transitória.

Aceitar o corpo e a saúde como processos

abertos é aceitar o mundo como *Dysphoria Mundi* (Preciado, 2023) — um mundo em constante mudança, onde a única constante é a própria transformação. É, portanto, abandonar a busca por um padrão fixo e abraçar a pluralidade das formas de existir.

## 5. Considerações finais

O percurso deste trabalho partiu da pergunta: o que significa o corpo gordo como símbolo arquetípico e cultural? Essa questão orientou a reflexão ao longo de diferentes camadas — clínica, cultural e política — permitindo compreender o corpo gordo como imagem densa, que concentra tanto o peso das projeções sociais quanto a potência de novas elaborações simbólicas.

A análise mostrou que o corpo gordo ocupa, na contemporaneidade, a posição de sombra coletiva: nele se depositam fantasias de preguiça, falha, descontrole e improdutividade, conteúdos que a lógica neoliberal não admite em sua imagem de si mesma. Essa projeção não é neutra, pois ela regula vidas, sustenta estigmas e legitima exclusões. Contudo, ao mesmo tempo em que é relegado à sombra, o corpo gordo se torna manifestação dionisíaca, expressão daquilo que escapa às métricas, do excesso que resiste à redução da vida a números e eficiência. Essa ambivalência revela o caráter simbólico da gordura: ela não se reduz a biologia ou a risco médico, mas se manifesta como figura de imaginação coletiva, carregando tensões vitais da cultura.

A incorporação da perspectiva de Haraway (2025) e Preciado (2023) ampliou essa reflexão, ao mostrar que não existem corpos puros ou inteiramente autônomos. O corpo gordo, nesse sentido, pode ser compreendido como ciborgue: híbrido, atravessado por tecnologias, discursos, violências e resistências. Ele torna visível a condição contemporânea de contaminação, de ausência de um centro único, de um mundo disfórico em que a normatividade não consegue se impor como totalidade. Essa leitura rompe com a fantasia de um corpo saudável e puro como horizonte universal e coloca em evidência a multiplicidade e a contradição como constitutivas da vida corporal.

Um dos elementos que emergem dessa análise é o modo como a modernidade recorreu a medidas quantitativas de normalização — índices, escalas, métricas estatísticas — para classificar os corpos e traçar fronteiras entre saúde e doença, normalidade e desvio. Essas ferramentas, embora apresentadas como neutras, carregam em si um poder de exclusão, pois transformam a complexidade da experiência corporal em números que delimitam quem deve ser aceito e quem deve ser corrigido. O corpo gordo, nesse processo, é constantemente capturado como excesso mensurável e, ao mesmo tempo, como falha moral.

O que se transforma, a partir desta pesquisa, é o enquadramento simbólico e político do corpo gordo. Ao invés de ser visto como falha ou excesso patológico, ele passa a ser reconhecido como símbolo vivo, revelador de tensões psíquicas e coletivas. Esse deslocamento abre espaço para uma escuta clínica mais ética, que não reduz a experiência à lógica biomédica, mas sustenta a ambivalência da imagem, acolhendo tanto o sofrimento quanto a potência que o corpo carrega. Na cultura, essa perspectiva permite desnaturalizar a associação automática entre gordura e doença, desafiando os dispositivos neoliberais de controle e produtividade.

Com a publicação deste trabalho, espera-se contribuir para o campo clínico, oferecendo ferramentas para a escuta do corpo gordo como símbolo, e não apenas como sintoma, favorecendo práticas de cuidado mais plurais e respeitadas. No campo acadêmico, o artigo abre espaço para diálogos entre a Psicologia Analítica e teorias críticas contemporâneas, mostrando a relevância de uma leitura simbólica para pensar fenômenos sociais e políticos. Na esfera cultural, a pesquisa fortalece narrativas que deslocam o corpo gordo do campo da patologia e do estigma para o campo da potência, da diferença e da imaginação coletiva. Nesse contexto, o corpo gordo pode ser compreendido também como figura dionisíaca: ele carrega o excesso, o transbordamento, a potência do múltiplo que escapa às formas rígidas. Dioniso simboliza a dissolução das fronteiras, o riso que desafia a ordem, o gozo que não se reduz ao cálculo da disciplina. Assim, assumir o corpo gordo como

presença dionisíaca é reconhecer sua força em expor o caráter ilusório das normas e em afirmar a vida para além da medida. Na intersecção entre o ciborgue de Haraway (2025), a disforia de Preciado (2023) e o politeísmo de Hillman (2010), o corpo gordo surge como símbolo vivo de uma condição contemporânea: ele encarna o excesso, a diferença e a multiplicidade como formas de resistência e de criação.

O corpo gordo, quando reconhecido como símbolo, deixa de ser “problema” a ser eliminado e se torna chave hermenêutica para compreender os impasses da cultura neoliberal e do próprio indivíduo nesta cultura e forma de ser no mundo. Este corpo que não segue, não se encaixa e está fora das normas e padrões desta cultura nos lembra que a vida não cabe em métricas, que a saúde não é sinônimo de pureza e que a psique não se reduz a um único centro. Ele convida a Psicologia Analítica a ultrapassar o monoteísmo corporal e a cultivar um politeísmo de corpos, em que a multiplicidade e a ambivalência não são vistas como falhas, mas como expressões legítimas da alma e da vida coletiva.

## Referências

- Botero, F. (1989). *Una familia* [Óleo sobre tela]. Museo Botero, Bogotá, Colômbia. Google Arts & Culture. Recuperado de [https://artsandculture.google.com/asset/SQHd\\_uZf4mMvng?hl=fr](https://artsandculture.google.com/asset/SQHd_uZf4mMvng?hl=fr)
- Brandão, J. de S. (2015). *Mitologia grega – Vol. II*. Editora Vozes.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.
- Foucault, M. (2008). *O nascimento da biopolítica: Curso no Collège de France (1978–1979)*. Martins Fontes.
- Gay, R. (2017). *Fome: Uma autobiografia do (meu) corpo*. Globo Livros.
- Haraway, D. (2025). Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In Haraway, D., Kunzru, H., & Tadeu, T. (Orgs.). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. (2a ed., pp. 27-111). Autêntica.
- Hillman, J. (2010). *Re-vendo a psicologia*. Vozes.
- Hillman, J. (2013). *O sonho e o mundo das trevas*. Vozes.
- Jung, C. G. (2011a). *Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo* (8ª ed.). Vozes.
- Jung, C. G. (2011b). *Dois escritos sobre psicologia analítica* (2. ed.). Vozes.
- Jung, C. G. (2013). *Símbolos da transformação* (6ª ed.). Vozes.
- Kerényi, K. (2002). *Dionísio: A Imagem Arquetípica da Vida Indestrutível*. Odisseus.
- Klein, N. (2024). *Doppelganger: Uma viagem através do mundo-espelho*. Intrínseca.
- López-Pedraza, R. (2002). *Dioniso no exílio* (2ª ed). Paulus.
- Neumann, E. (2021). *Psicologia profunda e nova ética*. Paulus.
- Nuttall, F. Q. (2015). *Body mass index: Obesity, BMI, and health — A critical review*. Nutrition Today, 50(3), 117–128. Recuperado de <https://doi.org/10.1097/NT.000000000000092>
- Preciado, P. B. (2023). *Dysphoria mundi: O som do mundo desmoronando*. Zahar.
- Sant’Anna, D. B. de. (2016). *Gordos, magros e obesos: Uma história do peso no Brasil*. Estação Liberdade.
- Singer, T., & Kimbles, S. L. (2004). *The cultural complex: Contemporary Jungian perspectives on psyche and society*. Routledge.
- Woodman, M. (2002). *O vício da perfeição: Uma perspectiva junguiana sobre a anorexia nervosa, a obesidade e o vício da perfeição*. Cultrix.